

A DOCTRINA DA TRINDADE E A VISÃO DOS PIONEIROS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO

Adejúnior Sampaio da Silva¹
Gérson Cardoso Rodrigues²

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise do conceito de Trindade entre os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para tanto, averiguou-se algumas linhas teológicas contrárias à doutrina da Trindade a partir do século II d. C., concluindo com a visão dos principais líderes adventistas da época inicial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ademais, é feita uma exposição de forma sucinta da base bíblica em que repousa o conceito trinitariano. Por meio de ideias de alguns autores, pretende-se chamar a atenção para o fato de que a doutrina da Trindade foi aceita pelos adventistas do sétimo dia muito antes da morte de Ellen Gould White, contradizendo assim, as acusações de alguns críticos da Igreja que afirmam ter sido aceita somente em 1915 após a sua morte. Em suma, este artigo tem como objetivo principal identificar a importância de se conhecer a história da Igreja, seu desenvolvimento doutrinário e como Deus conduziu a revelação da verdade progressiva da doutrina da Trindade entre os pioneiros Adventistas do Sétimo Dia.

PALAVRAS-CHAVE: TRINDADE. ANTITRINITARIANISMO. PIONEIRO.

ABSTRACT

This study aims to analyze the concept of the Trinity among the pioneers of the Seventh day Adventist Church. We suggest to analyze some theological lines contrary to the doctrine of the trinity from the second century A.D. finishing with vision of the main Adventist leaders from the beginning of the Seventh-day Adventist Church. Furthermore, we will briefly present the biblical basis on which rests the trinitarian concept. Therefore, exposing the ideas of some authors, it is intended to draw attention to the fact that the doctrine of the Trinity was accepted by Seventh-day Adventists years before the death of Ellen Gould White, thus contradicting the allegations of some critics of the Church who claim that it was accepted only in 1915 after her death. In short, this article aims to identify the importance of knowing the history of the Church, its doctrinal development and how God led the

¹ Graduando do curso de Teologia do Seminário Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista da Bahia e Pós-Graduando em Gestão Social na Faculdade Adventista da Bahia.

² Doutorando em História da Igreja (ANDREWS), professor de História da Igreja do Seminário Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista da Bahia e diretor do Centro White da Faculdade Adventista da Bahia. Orientador Específico.

revelation of the progressive truth of the doctrine of the Trinity among the pioneers of the Seventh-day Adventist Church

KEYWORDS: TRINITY. ANTITRINITARIANISM. PIONEER.

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem sofrido fortes ataques de seus oponentes que afirmam que a doutrina da Trindade só foi aceita pela denominação após a morte de Ellen White em 1915, e que seus principais pioneiros foram todos antitrinitarianos (PFANDL 2005).

Diante destes dilemas, este artigo tem como objetivo analisar a forma na qual, inicialmente, os pioneiros da IASD entendiam o conceito da Trindade, considerando as dificuldades deles e a transição no desenvolvimento da doutrina no contexto histórico em que viviam como também a realidade do conhecimento progressivo nos primórdios da denominação. Contudo, antes da abordagem nos estudos acerca da crença dos pioneiros da IASD na doutrina da Trindade, discorre-se abreviadamente sobre a fundamentação bíblica referente ao assunto, como também algumas linhas teológicas contrárias a esta crença. Logo a seguir, são apresentadas de maneira sucinta teorias contrárias à Trindade desde os primeiros séculos até à visão dos Pioneiros da IASD que é o objetivo principal da pesquisa. A metodologia adotada é de ordem bibliográfica em suas fontes primárias e secundárias.

A Igreja e a doutrina da Trindade estão intimamente ligadas, e uma correta interpretação da crença norteia suas diretrizes teológicas e também práticas (RICE, 2009). Partindo do pressuposto de que a Trindade tem forte influência na Igreja e na teologia cristã, foram examinados, como ponto de partida, conceitos que são defendidos em harmonia pela maioria dos cristãos conservadores que apoiam uma concepção Trinitária.

É necessário reconhecer que é impossível compreender tudo a respeito da doutrina, no entanto, precisa-se analisar tudo o que foi revelado a respeito deste importante ensino bíblico para que toda conclusão seja fundamentada no que Deus revela de Si próprio em Sua palavra. Louis BerKhof (2007, p. 82) compartilha deste princípio ao admitir que “a Trindade é um mistério”, todavia, reconhece que: “a Bíblia nunca trata da doutrina como uma verdade abstrata, mas revela a substância trinitária, em suas várias relações, como uma realidade viva, em certa medida em conexão com as obras da criação e da providência, mas particularmente em relação à obra de redenção”.

Sendo assim, a Trindade é entendida como sendo uma das mais importantes doutrinas da fé cristã, e o estudo da crença clareia nossa limitada perspectiva da busca constante de saber como é Deus. Wayne Grudem a define da seguinte forma: “Deus existe eternamente como três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – e cada pessoa é plenamente Deus, e existe só um Deus” (GRUDEM, 2010, p. 165).

Tertuliano, “o principal apologista da Igreja Ocidental” (CAIRNS, 2008, p. 93), foi “o responsável por criar na língua latina um vocabulário composto de substantivo, adjetivo e verbo que

se tornou parte da linguagem teológica do cristianismo” (GONZÁLEZ, 2011, p. 82, 83). A palavra Trindade (do latim *trinitos* = trindade ou três em unidade) foi nominalmente conhecida por meio de Tertuliano por volta do segundo século d.C. Segundo ele, essa palavra seria capaz de explicar a ideia de um Deus em três pessoas a qual é encontrada em vários textos bíblicos, inclusive em documentos e tratados da igreja cristã (SILVA, 2009).

Concernente à doutrina da Trindade, três termos aparecem com especial importância. Além de “trinitas” ou “trinitos”, encontra-se o segundo termo, “persona” que significa “máscara”. Na cultura grega se usava as máscaras em peças teatrais visando a que a audiência entendesse quais dos personagens eles estavam representando. Tertuliano, portanto, pretendia com este termo que seus leitores entendessem a ideia de “uma substância, três pessoas”, ou seja, um significado que indicasse um único Deus em três pessoas. Por fim, a palavra “substância” aparece em destaque, pois a mesma expressa a ideia de unidade na Trindade. Para Tertuliano “a substância” é o que as três pessoas da Trindade têm em comum (MCGRATH, 2005).

A DOCTRINA DA TRINDADE E SUAS BASES BÍBLICAS

De acordo com Whidden; Moon; Reeve (2003) as questões que mais desafiam a doutrina têm a ver com a plena e eterna divindade de Cristo, a plena personalidade do Espírito Santo e a ideia da unidade das três pessoas da Divindade. A Palavra de Deus, entretanto, provê várias evidências que apoiam a doutrina da Trindade tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.³ A seguir, são apresentados textos bíblicos que servem como refutação para as evidências acima questionadas.

Sobre a eterna Divindade de Cristo, a Bíblia tem vários textos que afirmam Jesus como Deus. Em Apocalipse (1.17 ARA) encontramos a afirmação de que Cristo “é o primeiro e o último”. Quando comparado com Isaías (44.6 e 48.12 ARA), evidencia-se a mesma expressão, agora da parte de Deus, “eu Sou o primeiro e último”. Em Apocalipse (22.1-3 ARA), João identifica o trono de Deus como sendo também o do Cordeiro. Ao mesmo tempo, no evangelho de João (20.28 ARA), Tomé reconhece a Cristo como sendo o próprio Deus. Contudo, é em João (8.58 ARA) que muitos estudiosos reconhecem ser um dos textos mais esclarecedores acerca da Divindade de Cristo. Quando Jesus expressa as palavras *Ego Eimi* (expressão grega que significa “Eu Sou”), estaria se referindo ao texto de Deuteronômio (3.14 ARA), se tratando então, da mesma expressão usada por Deus no Antigo Testamento. Jesus, portanto, possui em Sua essência atributos divinos como, a onisciência (Cl 2.3 ARA), e vida própria (Jo 5.26 ARA), sendo Ele “a ressurreição e a vida” (Jo 1.25 ARA). Diante das evidências bíblicas, conclui-se que Cristo é “um em natureza, caráter e propósito com Deus Pai”. Portanto, “Ele é verdadeiramente Deus” (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 58).

Sobre o Espírito Santo, Macedônio, bispo de Constantinopla entre os anos 341-360 ensinava que a terceira pessoa da Trindade não passava de um “ministro e servo” no mesmo nível dos anjos.

³ A Revista Parousia do UNASP (2005) dedicou um número exclusivo para a exposição do tema: “A Trindade nas Escrituras”.

Acreditava que era uma simples criatura totalmente subordinada ao Pai e ao Filho. Porém, vinte e um anos mais tarde, em 381 no concílio de Constantinopla, esta ideia foi derrotada pela afirmação da personalidade do Espírito Santo (CAIRNS, 2008). Sem dúvida, o concílio de Constantinopla foi de grande importância na consolidação da crença trinitária.

Desde a eternidade, o Espírito Santo fez parte da Divindade como seu terceiro membro. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são igualmente existentes. Silva (2009) ao discorrer sobre o papel do Espírito Santo, fala da diferença entre *Pneuma Hagios* (Espírito Santo) e *Dinamis* (poder, milagres, sinais e força). Sendo assim, Zacarias (4.6 ARA) evidencia essa diferença ao enfatizar que o trabalho de Deus não será por intermédio da força, mas, pela atuação do Espírito Santo. Logo, torna-se importante para essa compreensão, entender que o Espírito Santo possui personalidade própria, pois o mesmo contende (Gn 6.3 ARA), ensina (Lc 12.12 ARA), convence (Jo 16.8 ARA), conduz os assuntos relacionados à igreja (At 13.2 ARA), intercede (Rm 8.26 ARA) e inspira (2Pe 1.2 ARA). (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 79). A Bíblia, portanto, indica o Espírito Santo não como uma mera força, mas sim “uma presença pessoal, sensível, útil e poderosa” (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003, p. 77).

Sobre a trindade da Divindade temos em Mateus (28.19 ARA) uma das mais claras concepções sobre a temática. Lá encontramos a Divindade que consiste de um Deus que é eterno (Sl 90.2 ARA), possui vida em si mesmo (Jo 5.26 ARA), onipresente (Sl 139.7-12 ARA), poderoso, onipotente (Dn 4.17,25,35 ARA), e imutável (Mt 3.6 ARA). Em relação ao Senhor Jesus, o encontramos nas Sagradas Escrituras como: criador (Jo 1.3 ARA), sustentador (Cl 1.17 ARA); e doador de vida (Jo 5.28 ARA). Concernente ao Espírito Santo, a Bíblia o apresenta como, Aquele que revela a verdade de Cristo (Jo 14.17 ARA) traz a presença de Cristo (Jo 14.16,17 ARA) e concede dons especiais à Igreja (At 2.38; 1Co 12.7-11 ARA). Ademais, textos como (Gn 1.26 ARA) onde se sugere a unidade da Divindade, e (Mt 3.16-17 ARA) no batismo de Jesus, tornam claro o envolvimento das três pessoas da Trindade em favor da redenção humana. (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003).

Mesmo diante das evidências apresentadas em favor da crença trinitariana vários movimentos ao longo de toda a história cristã têm procurado minar a fundamentação existente a respeito da Trindade. A seguir, há um breve estudo sobre a origem de três tendências antibíblicas que entre os séculos II e IV empreenderam esforços mediante os seus líderes para distorcer o ensino bíblico a respeito da Trindade, são elas: O monarquianismo dinâmico, o monarquianismo modalista e a controvérsia Ariana⁴.

POSIÇÕES CONTRÁRIAS À DOCTRINA DA TRINDADE NOS SÉCULOS II - IV

O “monarquianismo dinâmico” tem como principais defensores Paulo de Samósata (200-275

⁴ Estes movimentos não representam os únicos que demonstraram rejeição à doutrina da Trindade. Entre outras ideias antitrinitárias deste período estão os Ebionitas que afirmavam que Cristo sofreu e que, portanto não era Deus. Os Docetistas que diziam que, se Cristo era divino seus sofrimentos não poderiam ser reais. O Sabelianismo que propunha a ideia de uma Trindade em que os três seres eram simplesmente aspectos da Divindade, além do Urianismo, que nega a doutrina da Trindade defendendo a ideia de que existe apenas um Deus, sendo este o Pai (TORRES, 2011).

d.C.) que leva o crédito de ter desenvolvido mais detalhadamente a crença, enquanto Teodoto (190 d.C.) seria o responsável pelo início da mesma. A base dessa crença repousava na teoria de que Cristo não passava de um simples ser humano. Porém, o Espírito Santo havia descido sobre Cristo por ocasião do Seu batismo, habilitando-o com poderes divinos, tornando-o assim, Filho adotivo de Deus. Nessa doutrina, não existe possibilidade alguma de Trindade. Nesse sentido, Canale, (2011, p. 161) afirma que: “A ideia de uma Trindade eterna e imanente é substituída pela ideia da presença ‘dinâmica’ de Deus em Cristo pela habitação do Espírito. Para o monarquianismo [dinâmico], Deus não é uma pluralidade de pessoas, mas um soberano eterno e uno”.

Por volta do ano 200 d.C. desponta o “monarquianismo modalista” norteado pelo seu líder Noeto de Esmirna. Os modalistas acreditavam que existia apenas um Deus, ou seja, se Cristo era Deus ele deveria ser igual ao seu Pai, logo, Pai e Filho não seriam duas pessoas divinas distintas. Sobre o Espírito Santo, a ideia é que não passava de outra palavra para designar o Pai. Sobre essa ideia, Canale (2011, p. 161) faz a seguinte observação: o modalismo “declara que Deus Pai é capaz de adotar um modo específico de revelação histórica em Jesus Cristo, o Filho”. Percebe-se, portanto, que tanto o monarquianismo dinâmico, quanto o monarquianismo modalista constituem uma crença antitrinitariana, pois, ambas rejeitam a ideia bíblica da Trindade.

Ao analisarmos o conceito trinitariano de Tertuliano (160-240), nota-se que sua formulação não estava diretamente ligada aos princípios bíblicos, pois, ele entendia que Jesus era subordinado ao Pai. Orígenes (185-254) amplia esta ideia afirmando que além do Filho ser subordinado ao Pai, o Espírito Santo era tanto ao Pai quanto ao Filho. Ao desacreditar na divindade e eternidade do Espírito Santo e do Filho, ambos, Tertuliano e Orígenes, abriram espaço para o Arianismo e sua concepção herética antitrinitariana (BERKHOF, 2007). Do mesmo modo, Canale (2011, p. 162) declara que “o arianismo constitui a mais grave distorção do conceito trinitariano de Deus, levando o monarquianismo e o subordinacionismo à sua expressão mais extrema”.

CONTROVÉRSIA ARIANA

O Imperador Constantino identificou suas vitórias militares como sendo uma dádiva divina. Partindo deste pressuposto, ele entendeu que seria um dever da sua parte “assegurar” a integridade dos cristãos uma vez que os mesmos passavam por grandes perseguições. Assim, o fim das perseguições se deu a partir de 313 d.C. com a aliança entre Constantino e Licínio nos meses de fevereiro e março com o Edito de Milão (SANTOS, 2006).

Nesse contexto, Constantino continuou dando claras evidências desse compromisso para com a Igreja Cristã. Entre suas principais ações destacam-se as doações em dinheiro para igrejas, decretos que permitiam às igrejas receberem heranças, como também um decreto (321 d.C.) estabelecendo “o primeiro dia cristão”, o que ele denominou como o “dia do sol” que deveria ser guardado “como um feriado semanal” (WALKER, 2006, p. 154).

Quando Constantino assumiu o controle, o maior problema encontrado não era de ordem política

ou militar, mas de ordem teológica. Nesse sentido, destaca-se o presbítero Ário de Alexandria (250-336 d.C.). Assim, segundo Louis Berkhof, os arianos, seguidores de Ário, negavam com veemência a divindade de Jesus como também a do Espírito Santo, e suas teorias indicavam que Cristo não passava de uma criatura do Pai enquanto que o Espírito Santo era uma criatura do filho (BERKHOF, 2007). Para tanto, Ário havia proposto que o termo *Logos*, encontrado em João (1.1 ARA)⁵, não poderia estar se referindo à existência de um Deus eterno, mas sim de uma criatura de Deus, então, como criatura, ele estava sujeito a mudanças, inclusive a certos hábitos viciosos (WALKER, 2006).

O *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia* define “*Logos*” como: “palavra, exclamação, dito, discurso, narração, relato”, enfatizando que João emprega esses termos para referir-se a Cristo que veio para revelar a vontade de Deus. O mesmo comentário afirma ainda que, na frase grega “No *princípio*” falta o artigo definido e que, portanto, o seu significado torna-se claro. Se porventura existisse esse artigo, isso poderia indicar um tempo ou princípio, porém sem o artigo, que é a real situação do texto original e dentro do contexto de João (1.1-3 ARA), essa frase expressa a ideia de um tempo mais remoto que se possa conceber, ou seja, antes de qualquer coisa, de “outro princípio” (NICHOL, 1987, p. 874, 875). Por outro lado, Champlin entende que um estudo exegético apropriado do verdadeiro significado do termo grego “*Logos*”, não tem como direcionar para a conclusão de que “*Logos*” teve um começo ou poderia fazer parte de uma criação, portanto, o “*Logos*” é naturalmente Divino. Neste sentido, Champlin lança luz à maneira que João descreve o alicerce da Trindade, onde precisa estar claro que o “*Logos*” é uma Pessoa, que embora seja Deus, deva ser identificado como distinta de Deus o Pai (CHAMPLIN, 1995).

Ário, por volta de 320 d.C. passou a difundir a mensagem antitrinitariana expressando a ideia de que Jesus era simplesmente uma criatura de Deus, sendo superior aos homens e anjos, porém inferior ao Pai. A partir dessa compreensão, grandes problemas teológicos surgiam, pois ao aceitar o arianismo, seus defensores perdiam o sentido da expiação. Para eles, Jesus não possuía uma natureza definida, invalidando assim sua obra de sacrifício, desconsiderando a obra de santificação, pois não acreditavam nos atributos divinos do Espírito Santo.

Após muitos esforços de Constantino para solucionar os problemas causados por Ário, foi convocado o concílio de Niceia em 325 d.C., onde se discutiu o assunto.⁶ Nesse concílio, Atanásio (296-373), também de Alexandria, que até então era um simples diácono e um dos maiores opositores de Ário, foi convocado a falar, no entanto sem direito a voto. Diferentemente de Ário, Atanásio cria na unidade do Pai com o Filho, como também na divindade de Cristo e sua eternidade. Em discurso, Atanásio apresentou um resumo dos três principais ensinamentos de Ário. O primeiro tem a ver com a criação de Jesus, foi criado do nada. O segundo evidencia a ideia de que Jesus por ter livre arbítrio podia a todo instante mudar, e isso inclui a clara possibilidade de pecado. E finalmente, Ário defendia que nem Jesus nem o Espírito Santo possuíam a mesma substância do Pai. Esses debates não

5 No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (Ev arcη o *logos*, kat o *logos* hv proσ tov qeov, kat qeoc hv *logos*).

6 O Concílio de Niceia aconteceu na cidade que leva seu nome “Niceia” pertencente à região da Ásia Menor, perto de Constantinopla. Esta Assembleia é conhecida como “o primeiro concílio ecumênico, isto é, universal”. De acordo com o historiador Justo González, cerca de 300 bispos assistiram ao concílio (GONZÁLEZ, 2011, p. 167).

se resumiam apenas no âmbito intelectual, mas em regiões geográficas que os arianos gozavam de “pleno poder de influência” sobre líderes que os apoiavam, eles “se tornaram terríveis perseguidores dos cristãos ortodoxos” (TORRES, 2011, p. 126). Após seu discurso contra as heresias arianas, Atanásio conseguiu que a maioria dos envolvidos ativamente no concílio condenasse a doutrina Ariana (HURLBUT, 2007, p. 101).

É possível afirmar que o arianismo tenha sido uma das heresias que mais causou danos à concepção bíblica da Trindade. Os ataques, entretanto não acabaram com o enfraquecimento do arianismo por decorrência de suas subdivisões.

POSIÇÃO CONTRÁRIA À DOCTRINA DA TRINDADE NA ERA DA REFORMA PROTESTANTE

No século XVI, na era da reforma protestante, encontra-se nos “Racionalistas Antitrinitarianos” uma das formas mais acentuadas de objeção à Trindade. Eram considerados “reformadores radicais” em vista de sua rebeldia contra a autoridade e tradição da Igreja. Os racionalistas afirmavam crer nas escrituras enquanto nela houvesse lógica, do contrário, julgavam ser seu dever colocar a razão humana acima da autoridade bíblica. Sendo assim, Miguel Serveto (1511-1553) ao não encontrar o termo Trindade na Bíblia, como também alguma referência que lhe parecesse lógica aceitar a ideia de “uma mesma substância” ou “três pessoas”, tornou-se um grande opositor da crença trinitária. No seu entendimento, esta doutrina não fazia sentido. Sua aversão à Trindade era tamanha que os estudiosos começaram a identificá-lo como “guerra contra a Trindade”. Em vista das acusações feitas à doutrina, Miguel Serveto foi denunciado à inquisição na França sendo preso. Após fugir da prisão, iniciou uma fuga rumo à Itália, contudo, no percurso “quando estava em Genebra, foi reconhecido, julgado e no dia 27 de outubro de 1553” foi queimado por haver atacado a doutrina da Trindade e do batismo infantil (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003, p. 200, 201; cf. CANALE, 2011, p. 164, 165).

POSIÇÃO CONTRÁRIA À TRINDADE NA ERA DA PÓS-REFORMA

No período pós-reforma, assim como foi nos primeiros séculos, são encontradas algumas formulações antibíblicas a respeito da Trindade, dentre elas estão as dos “arminianos, Episcópio, Curceleu e Limborgh” que juntos reavivaram a doutrina da subordinação que defende a ideia de superioridade do Pai em relação ao Filho e ao Espírito Santo. Além das teorias, vários teólogos seguiram uma espécie de modalismo como, por exemplo, Emanuel Swedenborg (1688-1772), George Hegel (1770-1831) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834) que consideravam as três pessoas da Trindade apenas como três aspectos de Deus. Os “socinianos”, idealizados por Fausto Socino (1539-1604), seguiram as teorias arianas acreditando que Cristo era simplesmente um homem e que o Espírito Santo não passava de um poder ou influência. Os “socinianos” são considerados os precursores do “Unitarianismo” (BERKHOF, 2007, p. 79, 80).

A partir do século XVIII emerge nos Estados Unidos um movimento antitrinitário denominado

Unitarianismo. Os Unitarianos têm como base teológica a negação da Trindade e da Divindade de Jesus Cristo. Em um pronunciamento realizado pelo Dr. Carl M. Chorowsky, pastor da Primeira Igreja Unitária de Fairfield, Connecticut, em 1955 sobre o posicionamento da crença Unitária para a revista *Look* nos Estados Unidos, ele afirmou categoricamente que: “os unitários repudiam a doutrina e o dogma do nascimento virginal [...]” Além disso, acrescentou: “não cremos que Jesus seja o Messias [...] não cremos que ele seja ‘Deus encarnado’, nem a segunda pessoa da Trindade [...]” (MARTIN, 1992, p. 88).

Durante toda a história, a doutrina da Trindade foi fruto de discussões acirradas encontrando opositores que se afastaram do conceito bíblico. É fato que essa doutrina foi conceituada somente no século IV d.C., especialmente nos concílios de Niceia em 325 e Constantinopla em 381, contudo, torna-se importante salientar que o conceito trinitariano pode ser visto antes desses concílios por meio dos pais da Igreja e que a base doutrinária desta crença não foi idealizada por homens, haja vista, que suas bases são essencialmente bíblicas e dignas de confiança (SILVA, 2005).

TRINDADE ENTRE OS PIONEIROS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Entre os que defendem a doutrina da Trindade encontra-se a IASD que se baseia nas evidências bíblicas e não em credos e sofismas humanos. Dentro das suas 28 crenças fundamentais, o segundo artigo declara:

Há um só Deus; Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além de nossa compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua autorevelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação (ASSOCIACAO MINISTERIAL DA ASSOCIACAO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SETIMO DIA, 2008, p. 26).

Contudo, apesar de estar especificada em suas crenças fundamentais, a respeito da aceitação da Trindade, Pfandl (2008, p. 17) menciona que nem sempre a organização da Igreja Adventista juntamente com seus membros e líderes, tiveram coesão acerca da Trindade. Sobre isso, ele revela que:

Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia abrace hoje a doutrina da Trindade, as evidências indicam que, desde os primórdios até os anos de 1890, a visão dos autores adventistas sobre Cristo era de que houve um tempo em que Ele não existiu e que era inferior ao Pai. Com relação ao Espírito Santo era que não era o terceiro componente da Trindade, mas apenas o poder de Deus.

Do mesmo modo, George Knight (2005) fundamenta a ideia de que a maioria dos pioneiros

e membros da IASD teria dificuldade em aceitar as crenças fundamentais sustentadas hoje pela denominação, especificamente as crenças de número 2, que se refere à doutrina da Trindade; número 4, que afirma a eterna e plena Divindade de Cristo; e número 5, que aborda o assunto da personalidade do Espírito Santo. Tiago White, importante pioneiro do movimento adventista, declarou que a crença “não passava de um antigo absurdo trinitariano” (KNIGHT, 2005, p. 16), e referia-se à Trindade simplesmente como um conceito “não escriturístico e de origem pagã” (SCHWARZ, GREENLEAF, 2009, p. 161). Sendo assim, John N. Andrews, considerado por muitos como um dos maiores teólogos da Igreja, também não entendia a Trindade como princípio bíblico (MAXWELL, 1982). Em uma declaração, ele afirmou: “O filho de Deus [...] teve Deus por Pai em algum ponto da eternidade passada, no princípio dos dias” (KNIGHT, 2005, p. 16). Por sua vez, Urias Smith descrevia o Espírito Santo apenas como uma “influência divina” e entendia que por existir referências bíblicas a respeito do Espírito Santo como uma pomba ou como fendidas de fogo, era uma forte indicação de que Ele não poderia ser considerado como pessoa (SCHWARZ, GREENLEAF, 2009, p. 162). Todavia, essa não era uma posição isolada. Pois, líderes como Joseph. H. Waggoner e Dudley. M. Canright concordavam com esses pensamentos antitrinitarianos (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 161).

Em 1872 foi publicado um panfleto que consistia de 25 artigos onde eram categorizadas as crenças fundamentais do adventismo com o intuito de “responder indagações, corrigir falsas declarações e remover impressões errôneas”. Os dois primeiros princípios fundamentais explicitavam a crença em um único Deus e um só Senhor, contudo, não encontrava-se nenhuma afirmação que fizesse menção ao conceito trinitariano (SCHWARZ, GREENLEAF, 2009, p.161).

Os anos de 1846 a 1888 são conhecidos na denominação como um período essencialmente antitrinitarianos, onde alguns de seus principais escritores e líderes expressavam-se contra o conceito trinitariano. Por outro lado, Pfandl (2008) indica que no ano de 1892 aparece na literatura adventista a primeira referência positiva à Trindade na série “Bible Student’s Library”. Esta série de folhetos periódicos tinha como função esboçar doutrinas bíblicas dos ensinamentos adventistas. Nessa ocasião, o folheto de número 90 foi intitulado “A doutrina da Trindade”, onde, o autor da matéria, Samuel Spear, apesar de ensinar a respeito da doutrina de um Deus agindo em três pessoas, mantinha a errônea concepção de que Cristo era subordinado ao Pai, ou seja, embora este folheto indicasse uma visão mais próxima do conceito trinitariano, ainda assim, não englobava o conceito bíblico da Trindade.

Foi a partir de 1898 que os adventistas do Sétimo dia entenderam de maneira mais ampla o assunto concernente à doutrina da Trindade. Isso se torna evidente mediante a literatura adventista da época, entre elas, se atribui as expressas opiniões de Ellen White em seu livro *Desejado de Todas as Nações*. Entre todos os pioneiros da denominação, ela foi aquela que não se expressava a favor do antitrinitarianismo, da mesma maneira que até antes de 1888 na Assembleia de Mineápolis, suas declarações não eram tão claras assim a respeito de sua crença. Contudo, após a Conferência, onde a pessoa do Cristo crucificado foi o assunto principal, ela tornou-se essencialmente clara ao ponto de vista trinitariano com declarações afirmativas em favor da Trindade (KNIGHT, 2009); (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

O livro *O Desejado de Todas as Nações*, publicado em 1898, é considerado como o “grande divisor de águas” na compreensão adventista a respeito da crença trinitariana. Nessa literatura, Ellen White tece comentários a respeito da preexistência de Cristo, onde afirma enfaticamente que “Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus era um com o Pai”. Ademais, ao escrever sobre a ressurreição de Lázaro, ela acrescentou um comentário que causou um grande impacto na teologia adventista: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada”. Outro enfoque do livro foi à ênfase na Divindade do Espírito Santo onde Ele é identificado como a “terceira pessoa da Divindade”. (WHITE, 2004, p. 19, 530, 671); (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003).

Ainda nessa perspectiva, Ellen White especifica estas declarações de aceitação à Trindade em vários de seus escritos como: “Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade [...]” (WHITE, 1906, p. 145). “Em Cristo, divindade e humanidade se combinaram [...]” (WHITE, 1890, p. 97) “[...] Deus o Pai, o eterno Filho de Deus interpôs-Se para suportar o castigo pela transgressão. Alguém vestido da humanidade, mas que era um com a Divindade, foi o nosso resgate” (WHITE, 1898, p. 70). “A Divindade moveu-se de compaixão pela raça, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo deram-se a Si mesmos ao estabelecerem o plano da redenção” (WHITE, 1912, p. 4). “Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o Pai – um na natureza, no caráter e no propósito [...]”⁷ (WHITE, 2005, p. 493). “Em Cristo, há vida original, não emprestada, não derivada”⁸ (WHITE, 2004, p.530). “Ao se submeterem em humildade à modeladora influência do Espírito Santo, recebiam a plenitude da Divindade e eram modelados à semelhança do divino”⁹ (WHITE, 2006, p. 50).¹⁰

Estas afirmações chocaram alguns líderes da denominação. Como exemplo disso, M. L. Andreasen, um dos mais importantes escritores e professores da Igreja, afirmava não entender essas declarações ao ponto de duvidar das mesmas. Essa dúvida o levou a viajar até a residência de Ellen White para investigar se as citações procediam. Tal qual foi sua surpresa quando constatou que eram realmente citações da Sr. White. Os novos conceitos encontrados no livro “*O Desejado de Todas as Nações*”, conduziram os adventistas ao entendimento e plena afirmação da Trindade, algo ainda não existente antes da publicação (SCHEFFEL, 2003).

Como vimos acima, os relatos indicam que nos primórdios da organização, os pioneiros expressavam sua compreensão a respeito da Trindade de maneira antitrinitariana. Isso indica que muitos adventistas, até a década de 1890, tinham uma visão contrária à crença trinitariana (KNIGHT, 2009); (PFANDL, 2008).

Todavia, os fatos também contradizem a ideia de que a doutrina da Trindade só foi aceita na Igreja após a morte de Ellen White no ano de 1915. Como já foi visto, em decorrência do livro *O Desejado de Todas as Nações*, em 1898, afirmações acerca da eternidade de Cristo e o reconhecimento da pessoa do Espírito Santo como a terceira pessoa da Divindade, tornaram-se cada vez mais frequentes. Em

7 O Livro “O Grande Conflito” foi publicado originalmente em 1888 e republicado em 1911. Esta citação também se encontra em *Patriarcas e Profetas* publicado em 1890.

8 *O Desejado de Todas as Nações* foi publicado em 1898.

9 *Atos dos Apóstolos* teve seu lançamento em 1911.

10 Para a comprovação da autenticidade das declarações trinitarianas nos escritos de Ellen Gould White veja Tim Poirier no seu artigo publicado na *Parousia* 2006 com o tema: “As declarações trinitarianas de Ellen Gould White: O que ela realmente escreveu?”.

um episódio, quando falava aos estudantes do colégio Avondale no ano de 1899, Ellen White declara: “precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por estes terrenos” (WHITE, 1899 p. 4). Da mesma forma, Cardoso (2011) em seu artigo intitulado “Os Pioneiros Adventistas e a Trindade”, declara que em sua pesquisa foram localizados mais de 400 textos escritos entre os anos de 1897 e 1915 que evidenciam a existência de três pessoas pertencentes à Divindade.

Diante dessas evidências, é possível chegar à conclusão de que apesar de existir antitrinitarianismo entre os primeiros pioneiros (por diversos motivos, no qual analisaremos a seguir), muitos deles mudaram de posição com a revelação progressiva da verdade e pela influência do poder do Espírito Santo na vida e obra de Ellen White. Por volta de 1900, a igreja já gozava da aceitação da Trindade bíblica de acordo com as evidências da época (SILVA, 2009).

VERDADE PRESENTE: ENTENDENDO A REJEIÇÃO TRINITARIANA DOS PIONEIROS DA IASD

“Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4.18 ARA).

Scheffel (2003), comentando sobre o conhecimento progressivo, salienta que quando Adão e Eva foram criados, Deus não lhes concedeu respostas para todas as indagações que teriam, muito menos lhes concedeu uma aula de todos os segredos existentes no universo. Eles precisariam aprender pouco a pouco, mas uma coisa lhes era cobrado, precisariam permanecer fiéis à luz divina.

Os três fundadores do adventismo, Tiago White, Ellen White e José Bates, entendiam bem o que eles denominavam de “verdade presente”. Para esses líderes, a terminologia significava que a Igreja estava em uma dinâmica progressiva em busca das verdades escriturísticas, e que esse era um processo orientado por Deus. No ano de 1847, Bates já empregava este conceito na verdade a favor do sábado, além de ampliá-lo em outras áreas doutrinárias que foram se firmando na denominação, como santuário e a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14. Entre os pioneiros havia grande sensibilidade a respeito da busca constante de mais luz (KNIGHT, 2005).

Os líderes adventistas haviam passado por um grande desapontamento em 1844, quando esperavam a volta de Jesus na data de 22 de outubro, fato que não ocorreu. Por consequência deste desapontamento, eles aprenderam dos perigos de explicitarem suas crenças com tanta precisão sem ter base para fazê-la. A despeito de em 1848 já existirem algumas doutrinas fundamentais consideradas como colunas da fé que professavam¹¹, reconheciam que o estudo ininterrupto das Sagradas Escrituras os levaria a obterem uma compreensão fidedigna da verdade. Diante disso, já havia uma predisposição para rejeitar qualquer formulação ou credo doutrinário (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009). (KNIGHT, 2000).

¹¹ Entre as doutrinas fundamentais estavam: a volta de Jesus de maneira pessoal e visível, o início do ministério de Cristo na purificação do santuário a partir de 22 de outubro de 1844, o dom de profecia no ministério de Ellen White, a observância do quarto mandamento referente ao sábado e a imortalidade condicional.

Dentre os três principais líderes da igreja, dois deles vieram da conexão cristã: Tiago White e José Bates. A Conexão Cristã começou a partir do afastamento de associações metodistas, batistas e presbiterianas onde tinha como principal objetivo seguir a “simplicidade dos apóstolos e dos cristãos primitivos”. Seu líder, Alexander Stone, era um declarado antitrinitariano, porém, não fazia desta crença uma condição para tornar-se membro. No ano de 1832, “o ponto de vista não trinitariano tornou-se dominante na Conexão Cristã” (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003, p. 212).

Diante desse fato, muitos dos primeiros adventistas concordavam com a ideia de Josué V. Himes, um notável ministro da Conexão Cristã, que admitia Deus como sendo todo poderoso, mas diminua o valor do Filho limitando-o apenas a um Ser subordinado enquanto que qualificava o Espírito Santo apenas como uma energia de Deus. Com isso, “as experiências de José Bates e Tiago White em suas ligações com a Conexão Cristã reforçaram suas suspeitas da crença trinitária” (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003); (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 160).

Por essa razão, é possível destacar seis razões principais para a rejeição dos pioneiros adventistas do sétimo dia à doutrina da Trindade. A primeira razão referia-se à dificuldade que julgavam ter em encontrar textos nas Sagradas Escrituras que lhes dessem a condição de apoiar três pessoas em uma Divindade. A segunda razão apresentada dizia respeito à ideia, para eles equivocada, de que a Trindade torna o Pai e Filho idênticos. A terceira posição pela qual rejeitavam a doutrina da Trindade era que entendiam que esta crença ensinava a respeito de três deuses. A quarta razão pela rejeição era porque a crença na Trindade iria diminuir o valor da expiação. Para os pioneiros, se Deus não pode morrer, tão pouco Cristo poderia morrer no calvário já que era Deus. Na quinta razão apresentada, entendiam que pelo fato da Bíblia chamar a Cristo de Filho de Deus e princípio da criação (Ap 3.14 ARA) era uma prova de que Ele não era eterno. Por fim, na sexta razão apresentada, identificavam textos bíblicos que para eles referiam-se ao Espírito Santo apenas como um “ser derramado no coração” (Rm 5.5 ARA). (WHIDDEN; MOON; REEVE, 2003, p. 218-221).

Todas as rejeições apresentadas são devido a formas especulativas e extrabíblicas em que era entendida a Trindade. O fato é que os pontos de vistas apresentados mudaram consideravelmente a partir da compreensão progressiva da palavra de Deus. Embora o divisor de águas tenha sido o livro *O Desejado* em 1898, alguns dos nossos pioneiros já demonstravam uma tendência trinitariana. Apesar de J. H. Waggoner ter declarado convicentemente que a Bíblia silenciava em favor da Trindade, reconheceu no ano de 1883 que o Espírito Santo partilhava dos mesmos poderes do Pai e Filho. Alonzo T. Jones, importante personagem na conferência de Mineapólis juntamente com Ellet Waggoner (filho de Joseph Waggoner), declarou no ano de 1895 que o Espírito Santo permanece em unidade com o Pai e Filho (SILVA, 2009, p. 122, 123).

Essas afirmações em favor da crença trinitária não se resumiram apenas no âmbito teológico, mas também na área musical da denominação. O hinário da igreja publicado no ano de 1886 e reimpresso em 1905 expressava a crença da comunidade cristã adventista como também a teologia apresentada pelos seus pastores. As músicas indicavam centenas de frases e estrofes trinitarianas, hinos que faziam referência à intercessão do Espírito Santo. Ademais, “dezenas de outros hinos no

hinário de 1886 e 1905 são orações, louvores e declarações que proclamam a divindade não somente do Pai, mas também do Filho e do Espírito Santo” (SILVA, 2009, p. 132).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das evidências demonstradas neste artigo, entende-se que a compreensão da Trindade na Igreja Adventista do Sétimo Dia emerge a partir de uma dinâmica da verdade progressiva, passando pela rejeição do conceito de Trindade conhecido entre os anos de 1846 à 1888 alcançando porém, a posterior aceitação por meio da revelação da verdade presente, do poder do Espírito Santo na vida e obra da pioneira Ellen White e pela influência da publicação do livro *O Desejado de Todas as Nações* em 1898.

REFERÊNCIAS.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA (Org.). **Nisto cremos:** As 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Helio L Grellmann. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** Tradução de Odayr Olivetti. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica Brasileira. 2. ed. Barueri – SP, 1999.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos Séculos:** uma história da igreja cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo, Valdemar Kroker. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARDOSO, Mateus. Os Pioneiros adventistas e a Trindade. **Revista Adventista**, Tatuí, ano 106, n.1239, p. 8,10 agosto 2011.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado:** versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 1995.

CANALE, Fernando L. A Doutrina de Deus IN: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Setimo Dia.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GONZALEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo:** a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Key Yuasa e Hans Udo Fuchs. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática:** atual e exhaustiva. Tradução de Norio Yamakami et al. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida, 2007.

KNIGHT, George R. **Uma Igreja Mundial**: breve história dos adventistas do sétimo dia. Tradução de Jose Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KNIGHT, George R. **Em Busca de Identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KNIGHT, George R. **Questões Sobre Doutrina**: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

MARTIN, Walter. **O Império das Seitas**. Venda Nova: Betânia, 1992.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Tradução de Azenilton G Brito. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: uma introdução à teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

NICHOL, Francis D (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista Del Séptimo Dia**: Mateo a Juan. Tradução de Victor E. Ampuero Mata. Boise: Publicaciones Interamericanas, 1987.

PFANDL, Gerhard. A Trindade na Bíblia. **Ministério**, Tatuí, ano 76, n.02, p.15-16, março-abril 2005.

PFANDL, Gerhard. A Trindade e o adventismo. **Ministério**, Tatuí, ano 79, n.02, p.17,19, março-abril 2008.

POIRIER, Tim. As declarações trinitarianas de Ellen G. White: O que ela realmente escreveu? **Parousia**, Engenheiro Coelho, ano 5, n. 1, p. 27 – 46, jan – jun. 2006

RICE, Richard. A Trindade e a igreja. **Ministério**, Tatuí, ano 80, n. 05, p.17,18, setembro-outubro 2009.

SANTOS, Ricardo José Marques. **O Edito de Milão**: contexto, texto e pós-texto. Maceió: Edufal, 2006.

SCHEFFEL, Rubem, M. Trindade Uma Revelação Gradual. **Ministério**, Tatuí, ano 74, n.02, p.17,21, março-abril 2003.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.

SILVA, Rodrigo P. Um dogma de Constantino? **Parousia**, Engenheiro Coelho, ano 4, n.2, p. 31 – 40, jul – dez. 2005.

SILVA, Demóstenes N. **Perguntas e Respostas sobre a Trindade**. Cachoeira, BA: Ceplib, 2009.

TORRES, Milton L. **Tentaram a Deus no seu Coração: a controvérsia antitrinitariana**. Engenheiro Coelho: GEAN, 2011.

WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**. 3. ed. São Paulo: Aste, 2006.

WHIDDEN, Woodrow et al. **A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na bíblia e na história do cristianismo**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Tradução de Carlos Alberto Trezza. 10. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**. Tradução de Isolina A Waldvogel. 22. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **O Grande Conflito**. 43 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WHITE, Ellen G. Understanding the Controversy of Doctrine. **Review and Herald**, Battle Creek, Michigan, n.07, p. 97 , 18 de fevereiro de 1890.

WHITE, Ellen G. The Plan of Redemption. **Review and Herald**, Battle Creek, Michigan, n.05, p. 70, 08 de fevereiro de 1898.

WHITE, Ellen G. Sanitariums as Centers of Influence and Training. **Review and Herald**, n. 18, p. 04, 02 de maio de 1912.

WHITE, Ellen G. The Father, Son, and Holy Ghost. **Bible Training School**. n. 10, p. 145, 01 de março de 1906.

WHITE, Ellen G. **Manuscrito 66**, 1899. Centro de Pesquisas Ellen G. White – IAENE.

